

FACULDADE DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA DA AMAZÔNIA - FAETAM

CURSO DE BACHAREL EM TEOLOGIA

JOÃO COIMBRA FILHO
DEISE PERES COIMBRA

UM ESTUDO EXEGÉTICO EM ÊXODO 20.1-6

BELÉM – PARÁ
2009

FACULDADE DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA DA AMAZÔNIA - FAETAM

CURSO DE BACHAREL EM TEOLOGIA

UM ESTUDO EXEGÉTICO EM ÊXODO 20.1-6

JOÃO COIMBRA FILHO
DEISE PERES COIMBRA

Monografia apresentada á Coordenação do curso de Aproveitamento de Créditos em Teologia da Faculdade de Educação Teológica da Amazônia - FAETAM para a obtenção do título de bacharel em Teologia.

BELÉM – PARÁ
2009

UM ESTUDO EXEGÉTICO EM ÊXODO 20.1-6

JOÃO COIMBRA FILHO
DEISE PERES COIMBRA

Monografia apresentada a Coordenação do curso de Aproveitamento de Créditos em Teologia da Faculdade de Educação Teológica da Amazônia - FAETAM para a obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientadora: Prof^ª. Ana Patrícia Araújo Campos da Rocha

Banca Examinadora:

1. Prof^º Dr. Welligton Lino Rocha
2. Prof^ª. Etheni Elisa de Oliveira Pereira Dias
3. Prof^ª Maely da Silva e Silva

Aprovado em 24 de outubro de 2009

Conceito: 9,0

Ao nosso filho

Jonathan Wesley Peres Coimbra

AGRADECIMENTOS

Nossa gratidão ao misericordioso e eterno Deus, pelo dom da vida e oportunidade do aprendizado.

Ao corpo docente da FAETAM (Faculdade de Educação Teológica da Amazônia) na pessoa do Dr. Daniel Rocha e do Dr. Welligton Lino Rocha pela consideração e confiança.

Às professoras Ana Patrícia Araújo Campos da Rocha e Etheni Elisa de Oliveira Pereira Dias pela orientação e incentivo.

Aos professores e professoras que contribuíram em apoio e incentivo na realização deste projeto.

Aos colegas e amigos.

A todos nosso sincero agradecimento.

*Reformar a nação, particularmente a Igreja,
e espalhar a santidade bíblica por toda a terra*

John Wesley

RESUMO

Esta pesquisa bíblica com o título “Uma Exegese Bíblica em Êxodo 20.1-6” tem como tarefa principal a comunicação da mensagem bíblica através de uma interpretação bíblico-teológica. Isto requer uma compreensão da própria linguagem, e, neste sentido, serão seguidos os passos básicos de uma exegese bíblica na área de Antigo Testamento. O método será o histórico-crítico através de três metodologias hermenêuticas: análise literária; análise contextual; e análise teológica. Será esclarecida a questão da importância do Decálogo, e conseqüentemente sobre a relevância da Lei para a comunidade judaico-cristã. Estas verdades serão possíveis graças à descoberta do gênero literário utilizado no texto. Ainda, será abordado o tema da exclusividade da adoração ao Deus judaico-cristão e sua base monoteísta. Para isto será necessário a utilização de um método exegético que analise não apenas em sua forma literária, mas do ponto de vista histórico-social e teológico. Questões como delimitação da perícopes, definição do gênero literário, análise da estrutura literária, análise contextual e teológica e suas possíveis interpretações do texto bíblico são aqui descritas.

Palavras Chaves: Decálogo, Exegese, Adoração.

ABSTRACT

This biblical research titled "A Biblical Exegesis in Exodus 20.1-6" has as its main task to communicate the biblical message through a biblical and theological interpretation. This requires an understanding of language itself, and in this sense, will be followed the basic steps of a biblical exegesis in the area of the Old Testament. The method will be the historical-critical through three hermeneutical approaches: literary analysis, contextual analysis, and theological analysis. Shall clarify the question of the importance of the Decalogue, and therefore the relevance of law to the Judeo-Christian community. These truths will be possible thanks to the discovery of the literary genre used in the text. Still, we will address the issue of exclusivity of worship of the Judeo-Christian God and the monotheistic basis. For this will be the use of an exegetical method to analyze not only in its literary form, but in terms of socio-historical and theological. Issues such as definition of the periscope, the definition of literary genre, structure analysis, literary, contextual and theological analysis and possible interpretations of the biblical text are described here.

Keywords: Decalogue, Exegesis, Worship.

LISTA DE ABREVIATURAS

| TERMOS | ABREVIACÃO |
|---|--------------|
| Faculdade de Educação Teológica da Amazônia | FAETAM |
| Associação Laical de Cultura Bíblica | ALCB |
| Sem data | s/d, |
| Tradução | Trad. |
| Javista | J |
| <i>et coetera</i> , [e] os outros | etc. |
| Bíblia de Jerusalém | BJ |
| Septuaginta | LXX |
| Página | p. |
| <i>Bíblia Hebraica Stuttgartensia</i> | BHS |
| Depois de Cristo | d. C. |
| Confira | cf. |
| Verso | v. |
| Ciclo Sacerdotal | ciclo (P) |
| Ciclo Deuteronomista | ciclo (D) |
| Ciclo Eloista | ciclo (E) |
| Ciclo Javista | ciclo (J) |
| Número | nº |
| Edição | ed. |
| Padre | Pe. |
| Sociedade Bíblica Brasileira | SBB |
| Por exemplo | p. e. |
| <i>Opus Citatum</i> ou obra citada | op. cit. |
| Século | séc. |
| Cerca | ca. |
| Vulgata | VU |
| Almeida, Revista e Corrigida | ARC |
| Volume | vol. |
| <i>et alii</i> , e outros | <i>et ai</i> |
| Tradução Ecumênica | TEB |
| Almeida, Revista e Atualizada | ARA |
| Antigo Testamento | AT |
| Antes de Cristo | a.C. |
| Seguinte | s |
| Seguintes | ss |
| Êxodo | Ex |
| Deuterônômio | Dt |
| Juízes | Jz |
| Salmos | Sl |
| Marcos | Mc |

SUMÁRIO

| | |
|--|-------------|
| ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS..... | 1-10 |
| INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 1. ANÁLISE LITERÁRIA..... | 12 |
| 1.1. ESCOLHA E DELIMITAÇÃO DA PERÍCOPE..... | 12 |
| 1.2. TRADUÇÃO DO TEXTO | 14 |
| 1.3. COMPARAÇÃO DE VERSÕES..... | 16 |
| 1.4. ESTRUTURA LITERÁRIA | 19 |
| 1.5. GÊNERO LITERÁRIO..... | 21 |
| 2. ANÁLISE CONTEXTUAL | 23 |
| 2.1. O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO LITERÁRIA..... | 23 |
| 2.2. O AMBIENTE LITERÁRIO | 25 |
| 2.3. A FUNÇÃO LITERÁRIA..... | 29 |
| 3. ANÁLISE TEOLÓGICA..... | 32 |
| 3.1. ESTUDO DE CORRELAÇÃO..... | 32 |
| 3.2. CONTEÚDO TEOLÓGICO..... | 33 |
| 3.3. CONTEXTUALIZAÇÃO OU CONSEQÜÊNCIAS PRÁTICAS..... | 35 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 39 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 40 |
| APÊNDICES..... | 44 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema geral “Um Estudo Exegético em Êxodo 20.1-6” tendo como base a ciência da interpretação bíblica. Delimita-se no texto bíblico de Êxodo 20.1-6 com o fim de definir a questão norteadora de que a narrativa bíblica indica a crença de uma cultura monoteísta.

O procedimento metodológico se limita a pesquisa bibliográfica e exegética. Utiliza-se uma abordagem qualitativa na pesquisa e a coleta de material obedecerá ao processo de pesquisa bibliográfica e exegese bíblica. Dos três métodos exegéticos: o fundamentalista, o estruturalista e o histórico-crítico, esta pesquisa trabalhará com o enfoque crítico-dialético, por visar analisar pelo método histórico-crítico, propondo discutir práticas contidas na narrativa, refletir trajetórias que o texto sofreu e o que o mesmo tenta passar como mensagem para a atualidade.

O objetivo é explicar a origem e a importância do monoteísmo para o Cristianismo fundamentando na pesquisa exegética de Êxodo 20.1-6. Para isto será necessário executar os passos básicos de interpretação bíblica: análise literária, análise contextual e análise teológica. Na análise literária são destaques a escolha e delimitação do texto, tradução, comparação de versões, análise da estrutura e identificação do gênero literário (forma); na análise contextual se analisará o contexto a partir de três ênfases: o processo de construção literária, o ambiente literário e a função literária que o texto exerceu; na análise teológica observará o estudo de correlação, o conteúdo teológico e a contextualização.

A questão principal se dá na relevância literária, histórica e teológica de Êxodo 20.1 a 6 para a fé cristã. Por ser um texto de difícil interpretação, primeiro pela dificuldade em transliterar o texto em hebraico, esta distância lingüística dificulta a compreensão da mensagem bíblica. Pela tentativa de harmonizar o texto com as fases evidentes no processo da linguagem. Isto leva a pesquisar o contexto literário e sócio-histórico.

Finalmente, se torna relevante religiosamente por tratar da questão da idolatria na cultura cristã e a exclusividade na adoração ao Deus¹ judaico-cristão. A exegese tira do texto o sentido real, neste caso o “Decálogo” onde se estabelece um fundamento do monoteísmo judaico-cristão, e da exclusividade na adoração a Deus (Javé).

¹ Nesta pesquisa o termo “Deus” com “D” maiúsculo se refere ao deus judaico-cristão, javé quando se referir ao nome de Deus revelado à Moisés.

1. ANÁLISE LITERÁRIA

A exegese bíblica neste trabalho é essencial para se chegar às conclusões propostas, que é destacar a importância do monoteísmo judaico-cristão a partir do texto bíblico de Êxodo, capítulo vinte, versículos um a seis.

A composição literária trabalha desde a escolha da perícopé,² tradução, comparações de versões, estrutura e gênero literário. São processos na busca de entender o texto original.

1.1. ESCOLHA E DELIMITAÇÃO³

Para um trabalho exegético se torna necessário escolher o texto, se do original e qual versão em português. Após ter escolhido o texto geral, o próximo passo é a delimitação textual. Wegner (2006, p. 84)⁴ observa que a necessidade de delimitar os textos deve-se ao fato de que, originalmente, os livros bíblicos foram redigidos em escrita contínua, sem espaço entre as palavras e sem subdivisões de versículos e capítulos. O texto em português é segundo a versão Almeida, Revista e Atualizada (ARA).

1 Então falou Deus todas estas palavras, dizendo:

2 Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.

3 Não terás outros deuses diante de mim.

4 Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra.

5 Não te encurvarás diante delas, nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam.

6 e uso de misericórdia com milhares dos que me amam e guardam os meus mandamentos.

Para a delimitação usou-se os quesitos, que são levados em consideração neste trabalho: expressão inicial e final, mudança de assunto, personagens e tema.

² Perícopé, uma unidade completa, independente. Uma porção de um texto bíblico onde se confirme os limites de começo e fim (STUART E FEE. op. cit. p. 31).

³ A delimitação tem o cuidado de observar se o texto selecionado tem uma lógica em sua estrutura, com início, meio e fim, onde se entenda que se tenha unidade.

⁴ Neste trabalho serão usadas as duas formas de citações: AUTOR-DATA para citações diretas e indiretas no texto e o sistema numérico como notas de rodapé explicativas.

Eventualmente e desde que exista uma autonomia de sentido não será necessário o uso de tantos elementos para a delimitação de um texto.

Quanto à *expressão inicial e final*, a delimitação de um texto serve para localizá-lo no texto integral, mostrando qual perícopo o antecede, qual o ciclo interno e a posterior ao texto estudado.

Êxodo 20.1 apresenta o início de uma série de mandamentos como resposta ao último versículo anterior. Estes mandamentos terminam no verso dezessete do mesmo capítulo, como é um texto muito extenso, a pesquisa se limita a analisar apenas os versos iniciais.

O texto de Ex 20.1-6 tem como palavra introdutória **וַיִּכְרַם**, estado na terceira pessoa do singular masculino,⁵ com o sentido de falar, dizer, mandar, ameaçar, prometer. Por meio deste verbo introdutório, pode-se perceber o início de um discurso, um oráculo divino, um código de aliança decretado pelo próprio Deus. É uma seqüência de mandamentos iniciados com “Então, falou Deus todas estas palavras:...” (Ex 20.1), pois na perícopo anterior, termina dizendo “Desceu, pois, Moisés ao povo e lhe disse tudo isso” (Ex 19.25).

Na perícopo anterior trata-se da experiência de Moisés no Monte Sinai (Ex 19), saindo no terceiro mês do Egito (v. 1), acampou-se aos pés do Monte Sinai (v.2), subindo naquele monte para falar com Deus (v. 3) e onde Deus falou com ele dando-lhe ordens ao povo (v. 3b-6). Em seguida, Moisés desceu e reuniu os anciãos do povo (v. 7,8), que passou a narrar o que Deus tinha dito (v. 9ss).

O *assunto* está relacionado a mandamentos desde o capítulo dezenove, porém, em Ex 20.1ss, o tema são as próprias palavras de Deus para o povo. O texto selecionado trata das primeiras palavras, os primeiros mandamentos ao povo, é o início do chamado “Decálogo”. Já no final (v. 6), Deus cobra para si exclusividade na adoração, de onde provém a interpretação textual de um “monoteísmo”.

No texto (perícopo) posterior se inicia com “Não” (v. 7), que é um indicador de início, falando da santidade do nome de Deus, enquanto que os versos 1 a 6 tratam da imagem de Deus, e os versos 8 a 11 enfatizam o dia de adoração.

⁵ Cf. Apêndice nº 01 para informações sobre a análise gramatical hebraica, sua metodologia e bibliografia.

Existem diferenças nos *personagens*, evidenciando a mudança de uma unidade textual para outra. No caso de Ex 20.1-6 existem personagens diretos, indicando quem é a pessoa que fala, no caso, Deus. E a pessoa que reage, Moisés obedecendo à ordem de “falar ao povo”, e o próprio povo que deve ouvir e obedecer aos mandamentos. Há também a referência aos “deuses”, como obra feita pelas mãos humanas, que não devem ser considerados como verdadeiro Deus, mas apenas imitação do divino.

O *tema* mostra a diferença das unidades literárias, são abordados assuntos diferentes. “A atribuição de títulos aos segmentos do texto é útil não só no estudo pastoral da Bíblia, mas também no estudo exegético propriamente, porquanto permite captar melhor o conteúdo e a intenção enunciativa de um texto” (EGGER, 1994, p. 98).

No corpo do contexto (Ex 19.1-20.17) há diferentes assuntos, e mesmo no trecho menor (Ex 20.1-17) têm-se vários temas. A unidade anterior tem como tema “que o povo não ultrapasse o limite” (Ex 19.20-25), expressão que se repete três vezes (v. 21,23,24).

A unidade literária estudada tem como tema “Eu sou o Senhor teu Deus... Não terás outros deuses,... Não farás para ti imagem,... Não as adorarás,...”, ou seja, exclusividade na adoração (Ex 20.1-6).

A posterior tem como tema “o Nome do Senhor” (Ex 20.7), e a seguinte trata do tema de “santificar o dia de Sábado” (Ex 20.8-11), os demais temas enfatizam o relacionamento com o próximo (Ex 20.12-17).

1.2. TRADUÇÃO DO TEXTO

O método de tradução inicia-se pela *correspondência formal*, que pretende traduzir o texto *literalmente*; e da *equivalência dinâmica*, que permite uma segunda tradução, chamada de *idiomática* (WEGNER, 1998, p. 28; EGGER, 1994, p. 61ss). Isto porque “uma palavra não possui um significado individual, mas um *conjunto de significados*” (STUART e FEE, 2008, p. 64).⁶

⁶ Stuart declara ainda que “uma palavra-chave na análise estrutural é ‘padrões’. Padrões indicam ênfases e relacionamentos; e ênfases e relacionamentos, por sua vez, priorizam significado” (SUART e FEE, 2008, p. 71).

Esta primeira tradução, literal, se utiliza de dicionários, gramáticas, edições interlineares, etc.⁷ Buscará um contato com a língua original, possibilitando uma interpretação dependente do sentido real das palavras. A tradução literal é vista em sua forma gramatical a partir do texto original em hebraico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia.

1 וַיְדַבֵּר אֱלֹהִים אֶת כָּל־הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה לְאָמֹר:
2 אֲנֹכִי יְהוָה אֱלֹהֶיךָ אֲשֶׁר הוֹצֵאתִיךָ מֵאֶרֶץ מִצְרַיִם מִבֵּית עַבְדִּים:
3 לֹא יִהְיֶה־לְּךָ [1 אֱלֹהִים אֲחֵרִים עַל־פָּנָי:] 2 4 לֹא תַעֲשֶׂה־לְּךָ פֶסֶל
[9 וְכָל־תְּמוּנָה אֲשֶׁר בַּשָּׁמַיִם מִמַּעַל וְאֲשֶׁר בָּאֶרֶץ מִתַּחַת] 2 וְאֲשֶׁר בַּמַּיִם
מִתַּחַת לְאֶרֶץ:] 2 5 לֹא־תִשְׁתַּחֲוֶה [1 לָהֶם וְלֹא תַעֲבֹדֵם כִּי אֲנֹכִי יְהוָה
אֱלֹהֶיךָ אֵל קָנָא פֶקֶד עֵינָי אֶבֶת עַל־בָּנִים עַל־שְׂלִשִׁים וְעַל־רִבְעִים
לְשָׁנָא:] 6 וְעָשָׂה חֹסֵד לְאֲלֹפִים לְאַהֲבֵי וּלְשֹׂמְרֵי מִצְוֹתַי: ם

Para se realizar esta tradução literal é necessária, antes de tudo, uma *análise gramatical* (ver apêndice nº 1).

Após a análise gramatical pode-se definir a seguinte tradução literal, denominada de Tradução Literal Livre:

Falou Elohim todas as palavras a eles, o seguinte:

Eu, Yahweh,⁸ Elohim, que fiz sair da terra do Egito, casa de escravo

Não tornar em direção a Elohim, segundo diante da face.

Não fabricar uma imagem de escultura, qualquer representação, do céu, fazer subir, da terra, debaixo, na água.

Na terra não se prostrar, em direção, cultuar, El, teu Elohim, ciumento, vejo (verifico) transgressão, antepassado, por causa de, diante de mim a terceira geração, diante de mim a quarta geração, odiar.

Já a tradução por *equivalência dinâmica* propõe uma tradução mais vivencial para o contexto que será estudado. A tradução dinâmica deste trabalho está baseada na versão da Nova Tradução na Linguagem de Hoje, 2007.

⁷ É chamada também de *análise léxico-sintática*, estuda o significado de palavras tomadas isoladamente (lexicologia) e o modo como estas palavras tem relação umas com as outras (VIRKLER, 1999, p. 71-87). Zuck (1994, p. 115-116) utiliza o termo “interpretação gramatical”, o mesmo por Berkhof (s/d, p. 79-134). A metodologia utilizada neste trabalho pode ser conferida no apêndice Análise Gramatical.

⁸ O nome de Deus יְהוָה (Yahweh) será citado conforme a fonte, porém, neste trabalho será usado o termo javé conforme o caso.

Deus falou, e foi isto o que ele disse:

- Meu povo, eu, o SENHOR, sou o seu Deus. Eu o tirei do Egito, a terra onde você era escravo.

- Não adore outros deuses; adore somente a mim.

- Não faça imagens de nenhuma coisa que há lá em cima no céu, ou aqui embaixo na terra, ou nas águas debaixo da terra.

Não se ajoelhe diante de ídolos, nem os adore, pois eu, o Senhor, sou o seu Deus e não tolero outros deuses. Eu castigo aqueles que me odeiam, até os seus bisnetos e trinets. Porém, sou bondoso com aqueles que me amam e obedecem os meus mandamentos e abençoam os seus descendentes por milhares de gerações.

1.3. COMPARAÇÃO DE VERSÕES

Para se entender um pouco mais do sentido do texto faz-se uma comparação de versões em português. Para isto, os instrumentos são as versões Almeida Revista e Corrigida (ARC), Bíblia de Jerusalém (BJ), Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) e Almeida Revista e Atualizada (ARA). Além destas foi consultada a versão Ecumênica (TEB), a Vulgata Latina e a Septuaginta, que serão citadas raramente.

| Almeida Revista e Corrigida | Bíblia de Jerusalém | Nova Tradução Na Linguagem Hoje | Almeida Revista e Atualizada |
|---|---|---|---|
| <p>v-1 Então falou o Senhor todas estas palavras, dizendo</p> <p>v-2 Eu sou o Senhor teu Deus que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão</p> <p>v-3 Não terás outros deuses diante de mim</p> <p>v-4 Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra.</p> | <p>1 - Deus pronunciou todas estas palavras, dizendo:</p> <p>2 - Eu sou Iahweh teu Deus que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão</p> <p>3 - Não terás outros deuses diante de mim.</p> <p>4 - Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima nos céus, ou embaixo na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra.</p> <p>5 - Não te prostrarás</p> | <p>1- Deus falou, e foi isto o que ele disse:</p> <p>2 - Meu povo, eu, o SENHOR, sou o seu Deus. Eu o tirei do Egito, a terra onde você era escravo.</p> <p>3 - Não adore outros deuses; adore somente a mim.</p> <p>4 - Não faça imagens de nenhuma coisa que há lá em cima no céu, ou aqui embaixo na terra, ou nas águas debaixo da terra.</p> <p>5 - Não se ajoelhe diante de ídolos, nem os adore,</p> | <p>1- Então falou Deus todas estas palavras:</p> <p>2 Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.</p> <p>3 Não terás outros deuses diante de mim.</p> <p>4 Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra.</p> <p>5 Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o Senhor, teu</p> |

| | | | |
|---|---|---|--|
| <p>v- 5 Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor, teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem.</p> <p>v – 6 e faça misericórdia em milhares aos que me amam e guardam os meus mandamentos.</p> | <p>diante desses deuses e não os servirás, porque eu, Iahweh teu Deus, sou um Deus ciumento, que puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e a quarta geração dos que me odeiam, 6 - mas que também ajo com amor até a milésima geração para com aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.</p> | <p>pois eu, o Senhor, sou o seu Deus e não tolero outros deuses. Eu castigo aqueles que me odeiam, até os seus bisnetos e trinnetos. 6 - Porém, sou bondoso com aqueles que me amam e obedecem os meus mandamentos e abençoô os seus descendentes por milhares de gerações.</p> | <p>Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem.</p> <p>6 e faça misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.</p> |
|---|---|---|--|

Algumas questões chamam atenção, ajudando a entender de forma mais clara o texto. No primeiro versículo há duas coisas de grande relevância.

A primeira questão é que na versão Almeida (ARA e ARC), o texto inicia com “então”, dando uma conotação de ligação, continuação do texto anterior, como se o capítulo 19 terminasse e logo em seguida iniciasse o capítulo 20. Mas nas outras duas versões consultadas o texto inicia com “Deus”, no rodapé, no comentário da Bíblia de Jerusalém diz se referir ao último versículo do capítulo 19, “Os sacerdotes, porém, e o povo não ultrapasse os limites para subir a Iahweh, para que não os fira. Desceu, pois, Moises até o povo, e lhe disse... Êxodo 19:24 e 25”, como “frase inacabada; o relato foi interrompido pela inserção do Decálogo em seu lugar atual”, também, “não há uma seqüência lógica do relato deste capítulo”, portanto não há uma ligação ou continuação lógica do final do capítulo 19 e o início do capítulo 20, há uma lacuna entre esses dois textos.

A segunda questão, na Bíblia de Jerusalém usa-se a palavra “pronunciamento”, significando “declarar com autoridade” (FERNANDES, 1996, p. 501), dando uma ênfase na questão da autoridade de quem está falando. Enquanto nas outras duas versões utiliza a palavra “falou” no sentido de alguém dizer alguma coisa, dando um sentido de algo que não tem tanto valor ou sentido.

No versículo dois também apresenta duas questões interessantes: a primeira é que na versão da (NTLH) o versículo dois inicia dizendo “meu povo”, dando uma ênfase na questão da aliança de Deus com o seu povo. Deus estava estabelecendo uma aliança com seu povo, quando ele utiliza do termo “meu povo’ ele dá uma conotação de

propriedade, de exclusividade, particularidade, que era o que Deus queria desenvolver no coração do povo.

A outra questão é quanto ao nome de Deus apresentado pela versão como Iahweh (BJ), que apresenta alguns problemas. Sabe-se que no hebraico original, apenas as consoantes eram escritas, as vogais foram acrescentadas depois pelos massoretas.⁹ A vocalização “Iahweh” é uma reconstrução hipotética de um nome cuja pronúncia real não era mais conhecida. O mesmo aconteceu com a vocalização “Jehovah”. Algumas traduções preferiram substituir para “o Senhor”, outras ainda tentam suprimir as vogais, mantendo simplesmente o tetragrama YHWH. A Bíblia de Jerusalém conserva aqui a corrente “Iahweh”, mas na leitura pública, porém, no ambiente litúrgico é recomendável dizer “o Senhor”.

No versículo 3 a NTLH expressa “não adore”, num primeiro olhar essa versão deixar uma impressão de que não tem problema “ter” outros deuses, desde que não adore. As outras duas versões usando a expressão “não terás” deixa uma conotação de que nem sequer “tenha”, muito menos adore.

No versículo 4 as palavras “esculturas” e “esculpir” são sinônimos, e significa a arte de dar forma a alguma coisa, seja de barro, argila, madeira. A NTLH trás a palavra “coisa” com o sentido de objeto, mas em todas as traduções fica claro a ordem de não se fazer imagem de nenhum tipo, nem de objeto, pessoa, deuses, absolutamente nada.

Mesmo tendo semelhança entre as versões analisadas, encontra-se a palavra "imagem" que pode significar uma "representação de um objeto pelo desenho" como também "figura, estampa, imitação, semelhança, idéia de reprodução, cópia" (FERNANDES, 1996, p. 344). Pode também significar "representação gráfica, plástica ou fotografia de pessoa ou de objeto".

Sendo assim, "imagem" atualmente pode significar “cópia de algo distante”, enquanto que a palavra "ídolo" tem um significado mais próximo do texto hebraico, podendo significar uma "figura representativa de uma divindade e a quem se presta culto”, ou uma "pessoa a quem se tributa respeito ou afeto excessivo”. Entre as traduções, a TEB

⁹ Massoretas, estudiosos judeus dos séculos VIII-IX da nossa era, cultores da *massorá* ou “tradição” textual bíblica. Eles acrescentaram uma vocalização e pontuação escrita no texto hebraico, anteriormente só de consoantes, para isso criaram os sinais vocálicos e os acentos, conhecida como “pontuação massorética” (ALCB, *Vademecum para o Estudo da Bíblia*, 2000, p. 58).

usa no v. 4, a palavra "ídolos", a *Septuaginta* usa "eidolon", a *Vulgata* usa a palavra "imagem" e "figura".

Na TEB como na BJ, encontra-se a palavra "Deus ciumento", sendo mencionado no verso 5, dando a idéia de "Deus como marido de Israel". A palavra é um substantivo que segue o infinitivo, usado exclusivamente com referência a Deus e também se refere à idolatria, sendo uma comparação de idolatria com adultério.

Essa mesma palavra pode significar "zeloso", como o "que tem zelo ou zelos; cuidadoso, pontual e diligente", ou como "cuidadoso, desvelado, diligente, pontual, escrupuloso, cioso, ciumento". Neste sentido Deus é "ciumento" significando "zelo amoroso", enquanto que "zelo" traz o sentido de "cuidado", já "ciumento", um sentido mais pessoal.

Fazendo uma comparação de versões do texto em estudo, quase não foi possível encontrar distância entre as traduções e consecutivamente, uma interpretação distante do texto original.

1.4. ESTRUTURA LITERÁRIA ¹⁰

A análise estrutural investiga a *estrutura lingüística* da forma original de um texto, reconstruída pela crítica textual.¹¹ Por estrutura devem ser entendidas as relações internas, vinculadas às regras, *em níveis sintático, semântico, narrativo e pragmático*, por meio das quais os elementos parciais de um lado são organizados.

As sugestões de Stuart e Fee (2008, p. 42-44) são: fazer esboço da passagem, procurar padrões de pensamento, organizar a discussão e avaliar a intencionalidade dos padrões menores. Nesta busca de padrão, "as chaves para se reconhecer [...] são, quase sempre, *repetição e progressão*" (STUART e FEE, 2008, p. 43).

Todos os elementos de um texto estão intencionalmente relacionados entre si, atuam em conjunto por meio de sua disposição imbricada,¹² concatenada e seqüencial,

¹⁰ "A estrutura dos textos procura, na análise literária, familiarizar-nos com as disposições externas do seu conteúdo". (WEGNER, 2006, p.88)

¹¹ Crítica Textual busca estabelecer um texto confiável com base no testemunho de vários manuscritos antigos, o que não será necessário neste trabalho (ALCB, *Vademecum para o Estudo da Bíblia*, 2000, p. 206).

¹² Disposição de objetos, sobrepondo-se em partes uns aos outros, a maneira de telhas no telhado (FERNANDES, 1996, P. 345). Já concatenada quer dizer "encadear, prender (Ibidem, p. 169).

estabelecendo assim, de forma diferenciada, a *coerência*. Pela sinfonia dos diversos elementos, descortina-se no *ato da leitura* o sentido do texto. Esse conteúdo de sentido não é aleatório, pois pela estrutura planejada do texto o leitor é conduzido, por meio de uma comunicação bem-sucedida, à compreensão que o autor visa transmitir (SCHNELLE, 2004, p. 49).

De acordo com Wagner (1998, p. 88,89), a análise textual tem como objetivo apresentar as disposições externas do texto, dando uma visão aprofundada do conteúdo do texto. Esta análise permite saber se o texto contém divisões, versículos isolados, paralelismos e outros elementos que podem estar contido no texto. O que facilita seu entendimento.

A análise do texto de Êxodo 20.1-6:

O texto pode ser dividido em pelo menos quatro partes:

| | | |
|----------------------------|-------------|--|
| Introdução: | Oráculo | "E Deus falou todas estas palavras dizendo:..."(v.1); |
| Quem Promulga o Decálogo | Declaração | "Eu sou o Senhor, teu Deus, ..." (v.2); |
| Exigência de Exclusividade | Adoração | "Não terás outros deuses diante de mim..."(vv.3-5a); |
| Razões da Exclusividade | Retribuição | "... porque eu sou o Senhor, teu Deus, um Deus ciumento,..."(v. 5b,6). |

Também pode ser dividido em perguntas-respostas:

| | |
|-----------------------|------------------------------------|
| Quem falou? | O Senhor |
| O que o Senhor falou? | Os Dez mandamentos |
| A quem Ele falou? | Ao Moisés e ao povo |
| Por que Ele falou? | Para ter exclusividade na adoração |

No hebraico, as palavras são deliberadamente ligadas ao verbo *falar* e a ênfase maior deste versículo (v.1) é que os mandamentos dos versículos seguintes são palavras de revelação divina. O fato de Deus ter escolhido esta maneira de se revelar é bastante significativa. Assim, para o israelita, Ele é o Deus da história e do cotidiano, e não um simples Deus de especulações.

“Eu sou, o Senhor teu Deus”, esta auto-apresentação tem relação estreita com os mandamentos que introduz. No judaísmo este é o primeiro mandamento, exortando à crença em Deus, mas crença no Deus vivo que havia agido em favor de Israel.

Nesse momento Javé fala como Deus que libertou o povo da escravidão, e é este ato libertador que dá a Javé a autoridade para impor a Israel os limites de uma nova sociedade. Como Javé estava formando o seu povo, se apresenta como um “esposo ciumento”, desejando exclusividade, portanto não quer ver seu povo servindo outros deuses.

1.5. GÊNERO LITERÁRIO

O gênero literário é um tipo de texto, da mesma forma que em um jornal há vários tipos ou formas de textos, há o mesmo na Bíblia (EGGER, 1994, p. 143).¹³

Gênero literário é uma abstração lingüística que permite associar na mesma categoria os textos que possuem forma literária semelhante. Determiná-los é de particular importância no caso de textos que fazem parte do mundo cultural diferente do nosso (SIMIAN-YOFRE, 2000, p.101).

O gênero literário principal de Êxodo 20.1-6, segundo Sellin –Fohrer é visto como “*normas de vida e de comportamento em estilo apodítico*”, ou seja, “princípios jurídicos”, “ordens categóricas”, “um direito divino”, “direito javista e israelita”, “faze isto”, “não faças aquilo”, “uma antigüíssima maneira de dar ordens, [...] Até agora o Antigo oriente nos oferece indícios bastante prováveis, com relação ao âmbito da vida (semi) nômade, de que tenham existido séries de preceitos e de proibições, de estrutura uniforme contendo, para fins de memorização, dez (e muitas vezes doze) membro” (SELLIN–FOHRER, 1977, p. 74s).

¹³ Em “*Gênesis 11.1-9: uma exegese sobre a Torre de Babel*”, de João Coimbra, “gênero literário vétero-testamentário, tem três itens: forma, conteúdo e *Sitz im Leben*.”. Porém, neste trabalho nos limitaremos diretamente ao conteúdo e de forma indireta aos demais itens.

Entretanto, Bentzen (1968, vol. 1, p. 231ss) diz que há “um forte elo entre lei e culto”. Também diz da possibilidade de que “as leis *migraram* de país a país e de nação a nação, sendo desenvolvidas individualmente segundo as peculiaridades dos diferentes povos, tanto no que concerne ao conceito de Lei como ao de estilo” (op. cit. p. 235).¹⁴

É de comum acordo de que o gênero literário de Ex 20.1s é conhecido como “Código de Aliança” ou “Oráculos de Mandamentos”, de origem hebraica, tendo também no grego como “decálogo”, “dez palavras”, colocadas no início das leis promulgadas por Deus no Monte Sinai. Segundo Sellin –Fohrer (1977, vol, 1, p. 128):

A compilação e a transmissão das leis até o estágio dos códigos atuais, seja como códigos subordinados, seja como códigos autônomos constituem-se longo processo, demorado e complexo. Originariamente, essas leis foram transmitidas, em grande parte, isoladamente e por via oral, como instrumento de consulta para as sentenças judiciais.

Em síntese, estão enumerados brevemente os deveres fundamentais do povo para com Deus e para com o próximo, sendo Deus e seu povo, em primeiro lugar (Ex 20.2-8), e em segundo, o povo de Israel e o próximo (Ex 20.12-17). Essas leis foram dadas no Sinai afim de que o povo guardasse os termos da Aliança durante a caminhada no deserto, mas principalmente quando adentrassem a terra prometida.

Estes códigos da Aliança são para estabelecer orientação entre Deus e o povo de Israel. Ensinaamentos de como o povo deve se portar, viver dentro de limites, com o fim de se viver mais harmoniosamente com seu semelhante. O interesse desse texto é deixar claro o limite possível à nova sociedade que está se fundando.

O texto aparece em forma de decálogo, isto é, uma lista de mandamentos dirigidos ao homem israelita adulto. Dirigem-se a ele na segunda pessoa do masculino. Sua forma é categórica, sem matizes nem considerações de circunstâncias especiais. Não apontam os castigos que se aplicarão em caso de violação. Constitui em seu conjunto a solene declaração de Deus.

¹⁴ Sobre a origem das leis em Israel e a discussão sobre a influência estrangeira, especialmente do código de Hamurabi, cf. Bentzen, op. cit. p. 234-237.

2. ANÁLISE CONTEXTUAL

A análise contextual tem como objetivo estudar o ambiente onde o texto foi gerado, tendo como preocupação as circunstâncias que o trouxeram à existência bem como obter conhecimento das questões sociais e históricas da época de sua escrita.

Também busca entender a função da perícopa no momento em que fora escrita, e descobrir o processo usado pelo autor ¹⁵ para organização de seu contexto (WEGNER, 1998, p. 137). Portanto, neste capítulo será analisado o contexto a partir de três ênfases: o processo de construção literária, o ambiente literário e a função literária que o texto exerceu.

2.1. O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO LITERÁRIA

Inicialmente é bom esclarecer como se dá o processo de escrita de um texto bíblico. A primeira pergunta relevante neste ponto é: quando o texto foi escrito? A resposta imediata é: o texto foi construído processualmente entre o período Mosaico e o Pós-Exílio. Primeiro ocorreu o fato, neste caso a outorga da Lei no monte Sinai.

O segundo momento se dá pelo processo da Tradição Oral, quando o evento é passado de geração a geração. O terceiro momento é a narração escrita, quando os escribas da Monarquia passam a registrar e resgatar fatos importantes da história.¹⁶ Finalmente, tem-se a organização do material, o que se denomina de Pentateuco.

A segunda questão é tão importante quanto à primeira: quem escreveu o texto? Mais uma vez se usa o recurso literário, o texto foi construído por várias pessoas, a começar de Moisés até os sacerdotes do Pós-Exílio.

Quanto à autoria do escrito inicial, uma opinião é Mosaica, uma vez que se considera até por tradição que foi Moisés quem escreveu as narrativas patriarcais, embora haja hipóteses de que tenha sido escrito no século nono, entre eles, o Livro da Aliança (Ex 21-23).

¹⁵ Para se entender o contexto literário se usa vários recursos, um deles é fazer uma entrevista com o texto. Cf. Apêndice 02: Tabela do Contexto Literário.

¹⁶ Neste meio tempo entre a Monarquia unificada e o Exílio, o Decálogo é visto como “o resultado da pregação dos profetas dos séculos VIII-VII” (Bentzen, 1968, vol. II, p. 62). Porém, há elementos que forçam a retroceder a Moisés, um deles é a exclusividade da adoração a Javé (op. cit, p. 63).

Sabe-se que o texto do Pentateuco é resultado da combinação de três grandes tradições narrativas, a Javista (J), a Eloísta (E) e a sacerdotal (P) e um bloco de leis deuteronomicas (D). Portanto, o Pentateuco não é obra de um só autor ou de uma escola unitária de autores. Há pelo menos três versões dos fatos principais e que em seguida foram integradas num só texto por redatores anônimos do período pós-exílico (PIXLEY, 1987, p. 8)

Longe de ser do século nono, é certamente de origem muito primitiva, refletindo o procedimento legal nos dias da liga tribal, inclusive o Decálogo, e que se encontra em sua forma original mosaica. As evidências internas também comprovam (Ex 15.27; 17.14; 20.25; 24.4; 25.9; 36.1).

O texto foi escrito inicialmente por Moisés, onde se preservou ao *povo de Israel* um registro de sua vida e dos acontecimentos relativos ao poder e santidade de Javé no seu propósito de libertar o povo, e não poderia deixar de registrar os termos de uma aliança teocrática.

Harrington (1985, p. 247) admite “que a base da legislação remonta ao tempo de Moisés”, embora pense que “a forma atual do Pentateuco inclui muitas leis de épocas posteriores”. Isso é o mesmo que Gnuse (1986, p. 14,15) diz:

A forma original dos mandamentos deve ter surgido num período entre a época de Moisés (perto do fim do século XIII a.C.) e a monarquia unificada (século X a.C.). [...] a forma escrita que possuímos no texto bíblico (Ex 20, Dt 5) reflete a reinterpretação da era posterior voltada para a reforma (século VII e VIII a.C.).¹⁷

Bentzen diz que a forma do Decálogo original era composta de poucas palavras, mas a forma literária “foi combinada com as liturgias de *torá* que tratam das condições de acesso ao santuário”. Ele vê na forma atual do Decálogo “uma *mistura de estilos*” (Ibidem, p. 240).

Do ponto de vista do tempo da escrita, o lugar é a Península Sinaítica escrito no século XIII por ocasião do Êxodo.¹⁸ Gottwald (1988, p. 163) faz um breve resumo da teoria tradicional: “afirma-se que Salomão iniciou a construção do templo 480 anos após o êxodo (1 Rs 6,1). Uma data no período de 985 a 967 a.C., para a colocação da pedra

¹⁷ Cf. também Bentzen (1968, vol. I, p. 239) sobre como o texto de Ex 20 reflete a contribuição sacerdotal do período exílico e pós-exílico.

¹⁸ Francisco (1990, p. 260-288) é um dos que acreditam no nascimento de Moisés em 1520, isso leva o Êxodo para 1440 sob Totmés IV, o que segundo Donner (1997, p. 107) “*não faz sentido*”, e a conquista da Palestina por volta de 1390 a.C. (HARRINGTON, 1985, p. 83-86).

angular do templo, parece garantida. Contando regressivamente, chega-se a uma data do século XV para a saída do Egito, ca. 1447-1438 a.C. Muitos estão de acordo de que não é possível datar com precisão esse tempo,¹⁹ mas é preferível a possibilidade de uma data no século XIII (BRIGHT, 1978, p. 154s). Segundo Keller (1973, p. 107) uma data como 1290 a.C. para o evento Êxodo evita erros, visto que os primeiros anos de Ramsés II (1301 a 1234 a.C.) foram dedicados a construção da cidade que levou seu nome.

Segundo Bright (1978, p. 154) “a tradição bíblica exige uma fé *a priori*: uma tradição desta espécie nenhum povo poderia inventar”. Bentzen (1968, vol. I, p. 248) confirma a qualidade histórica da aliança do Sinai.

Segundo a tradição, a anfictionia foi fundada pelo próprio javé através da aliança do *Sinai*. As idéias de “aliança” e “lei” são estreitamente ligadas entre si no AT. As leis todas são tradicionalmente atribuídas a *Moisés*, o legislador na ocasião da aliança do Sinai. Todas elas foram antedatadas e comprimidas num curto espaço de tempo, mas ao mesmo tempo ficou sublinhada a sua qualidade histórica.

Nisto se vê a importância da figura de Moisés no processo de redação do texto conhecido como “Decálogo”.

2.2. O AMBIENTE LITERÁRIO

O evento aconteceu no Monte Sinai, uma parada estratégica depois da saída do Egito, um meio caminho à terra prometida. Este momento da outorga do Decálogo ocorre aproximadamente em 1290 a.C. no reinado de Ramsés II, da décima nona dinastia.

Aliás, desde o terceiro milênio, da época do início da escrita, do tempo do Bronze, desde 2476 a.C. que havia expansão política, sob a influência egípcia na Grécia e as primeiras colônias egípcias no Peloponeso (BJ, 2002, p. 2170; BRIGHT, 1978, p. 68s). Entretanto, o que interessa mais neste ponto está na época do Bronze recente (1550 a 1200 a.C.).

No Egito, está no tempo do Novo Império, a capital é Tebas. Foram feitas campanhas na Palestina e na Assíria sob Tutmosis III (1468-1436 a.C.), seguido de Tutancamon (1347-1338 a.C.). Na Ásia menor e Síria do norte: os hititas (heteus) (1370-

¹⁹ São vários os questionamentos sobre o livro de Êxodo: o tempo que Israel esteve no Egito, data exata do Êxodo, a rota percorrida por Israel, a localização do Monte Sinai (COLE, 1990, p. 16).

1336 a.C.) e foi o tempo das tabuinhas alfabéticas de Ugarit (1500 a 1300 a.C.) (BRIGHT, 1978, p. 135).

Segundo Bright (1978, p. 135), "os cativados do Egito, o êxodo e a conquista devem cair no período do Império Egípcio - isto é, na última Idade do Bronze (1550-1200 a. C...)". Aproximadamente por volta dos fins do século XIII, ocorreu o Êxodo, como se viu no item anterior.²⁰

A causa imediata do Êxodo foi à opressiva servidão a que os israelitas estavam sujeitos pelas leis dos faraós do Egito. O livro do Êxodo supõe um mínimo de informações sobre o império (1610-1085 a.C.). Trata-se de um período de grandes conquistas que chegaram até o rio Eufrates, sendo que *Canaã* (= palestina) ficou sob o controle do Egito por mais de quatro séculos. Entre 1304-1184 a.C. reina a 19ª dinastia de faraós, entre os quais temos Seti I, Ramsés II e Meneptá. Este é o período onde se situa o fundo histórico das narrativas que encontramos no livro do Êxodo.

O sistema egípcio, porém, apresenta um pormenor: era controlado em última instância pelo rei (faraó). Toda a política do rei se baseava num precedente religioso: o faraó era considerado filho da divindade e, portanto, herdeiro de todo o país e outras regiões dominadas. Por isso, se "pagavam impostos e em épocas econômicas difíceis podiam ser reduzidos à categoria de servos e escravos. As campanhas egípcias na Palestina impuseram pesados impostos a todas as cidades-estado (1500-1200 a.C.)", esta forma de tributação a Faraó preparou caminho para a derradeira queda de suas cidades diante dos israelitas (GNUSE, 1986, p. 84).

Com isso, o sistema tributário tornava-se arbitrário, abrindo as portas para o povo ser dominado e explorado. Com esse precedente político-religioso tal sistema possibilita ao Estado (o rei e a máquina político-administrativa) apropriar-se desmedidamente da produção dos empobrecidos.

Além da exploração econômica da produção, o povo era também explorado na sua força de trabalho. Com a aceleração das desigualdades e a piora da situação econômica, multiplica-se também o descontentamento popular e a possibilidade de

²⁰ Não é a intenção desta pesquisa determinar a data do Êxodo, mas fica evidente segundo Bright, que Israel esteve no Egito neste período pelas seguintes razões: a evidência de nomes egípcios (op. cit. p. 154), textos citando os "apiru" no Egito (p. 155), os hebreus construindo as cidades de Piton e Ramisés (p. 155), a lembrança do Êxodo (p. 156) e evidências arqueológicas da presença de Israel em Canaã no século XII (p. 158).

revoltas. Em vista disso, o Estado acelera a produção de uma ideologia que justifica a aberração do sistema e mascara a exploração e opressão do povo (BRIGHT, 1978, p. 152).

Estruturalmente o Egito era uma sociedade de classes, onde o rei e o aparato do Estado se sustentavam do tributo das aldeias camponesas, tributos que prestava em grãos, em animais e em trabalho. Segundo Gnuse (1986, p. 84) esta situação forçou muitos cananeus a fugirem para as montanhas, para além do Jordão, e estes foram chamados de “apiru” ou “abiru” pelos povos das cidades.

A sociedade Cananéia também estava estruturada segundo este sistema tributário e a rebelião das tribos era justamente contra os tributos que lhes exigiam os reis de Canaã. De maneira que as tribos de Israel entendiam o relato do Êxodo como o relato de movimento revolucionário. No Egito rejeitaram a escravidão generalizada e se prepararam a nova sociedade em classes que Javé estabeleceu ao lhe dar as leis justas do Sinai.

Israel não é diferente, deseja estar livre da escravidão de Faraó, portanto, o Êxodo é um movimento para a terra prometida e para a liberdade. E o livro do Êxodo é a celebração desta fé que atesta uma intervenção fundamental nos acontecimentos humanos, e a descoberta de uma existência cotidiana, inteiramente envolta em um manto de maravilhosa benevolência.

Após a morte de José levantou-se um novo governo que não conhecia José. E ele disse ao seu povo: “eis que o povo dos filhos de Israel é muito e mais poderoso do que nós. Eia, usemos sabiamente para com ele, para que não se multiplique, e aconteça que vindo a guerra, ele também se junte com os nossos inimigos, e peleje contra nós, e suba da terra” (Ex 1.8,9). O Egito passou então a vê-los como ameaça, os governantes egípcios põe-nos sob o jugo da servidão e dessa forma por muitos anos, sob o domínio dos Faraós.

De acordo com o contexto imediato não se percebe claramente uma noção política, mas uma multidão anônima, sem forma política, ou sem governo humano, democrático ou despótico. O povo se originou para cumprir uma missão divina, tendo Moisés como o condutor dessa missão. Havia um suporte político, o que seria no momento a "Lei". Tendo um líder com autoridade teocrática, enquanto o povo estava acostumado com um regime monárquico e ditador egípcio.

Havia além deste aspecto político, a questão religiosa. Havia uma luta de força entre os deuses. Os egípcios antigos e os cananeus eram muito religiosos, adorando uma infinidade de divindades. As divindades mais importantes tinham imensos templos, os sacerdotes exerciam grande poder sobre o povo e os políticos egípcios, a circuncisão era um dos ritos mais notáveis, mas a religião canaanita não demonstrava está evoluindo, era mais, “... uma forma degradante de paganismo, salientando de modo especial o culto da fertilidade”, onde o “deus-pai El era nominalmente o deus principal do panteão, mas desempenhava um papel muito secundário e inativo”. (BRIGHT, 1978, p. 151).

Todas as religiões praticadas no Egito defendiam a crença de vida após a morte, tal crença levou os egípcios a se preocuparem como nenhum outro, com os preparativos para o sepultamento. Os Faraós, os governadores e as pessoas ricas construía grandes túmulos e monumentos com a finalidade de preservar suas múmias, guardavam juntamente os bens materiais que o acompanhariam na vida futura. O que não era diferente da religião cananéia, onde se “adoravam muitos deuses, entre os quais se destacavam El, Baal, Anat e Asherah”. E estas “divindades estavam associadas mais às forças da natureza do que à história, e na composição de cada um desses deuses notava-se um forte ingrediente de tons harmoniosos de fertilidade e sexualidade” (GNUSE, 1986, p. 82).

No Egito a idéia de imanência da divindade na pessoa do faraó foi cedendo lugar a uma transcendentalização do deus e humanização do rei (CARREIRA, 1994, p. 147). Ou seja, Deus se representa na pessoa do rei. Isto se torna essencial na teologia das religiões monoteístas. Freud fala desta necessidade humana.

Compreendemos como um homem primitivo tem necessidade de um deus como criador do universo, como chefe de seu clã, como protetor pessoal. Esse deus assume posição por trás dos pais mortos [do clã], a respeito de quem a tradição ainda tem algo a dizer. Um homem de dias posteriores, de nossos próprios dias, comporta-se da mesma maneira. Também ele permanece infantil e tem necessidade de proteção, inclusive quando adulto: pensa que não pode passar sem apoio de seu deus. (FREUD, 1997, p. 111).

Isso se vê claramente entre os egípcios, “a presença mais imediata de deus não estava na estátua nem no templo, nem sequer na Fertilidade ou nos corpos siderais, mas sim no homem que governava os Dois países” (CARREIRA, 1994, p. 148).

Carreira destaca muito bem esta evolução dizendo que o “divino espalhava-se como “potência” difusa por objetos, plantas e animais” (Ibidem, p. 150).

Antes da figura humana o que há é a divinização através da figura animal. Porém, nos princípios da história, se tem a crença nos deuses como senhores das potências em suas formas humanas, o que antes disso, é raramente antropomórfica.

Entretanto, não há como dizer qual a verdadeira imagem da divindade e todas não são de mais para se aproximar da riqueza da sua personalidade.

A questão é saber como pôde alguma vez o deus/Deus transcendente emergir desse matagal de figuras e de formas. A descortinar-se alguma tendência, seria mais panteísta que monoteísta. Mas a verdade é que o egípcio se encontrou aí com Deus. E parece tê-lo perdido de vista quando um rei herético²¹ e ousado promoveu a reforma iconoclasta de Amarna (Idem, p. 153).

Entretanto, é importante ressaltar que em primeiro lugar não se emergiu o deus/Deus transcendente, mas o culto da personalidade régia e o servilismo de funcionários oportunistas. Neste tempo no Egito foi grandemente difundido a prática de curvar-se ante o senhor do país, o que se torna um dogma (Idem, p. 154).

Alguns tentam fazer ligação entre a religião egípcia e a religião israelita na questão desta evolução teológica, embora se considere a teologia israelita como monoteísta. Portanto, é clara a diferença. Para Israel, Deus é um; para o egípcio há uma variedade de deuses, “algumas personificações de grandes forças naturais como Céu e a Terra, o Sol, e a Lua [...] A maioria delas, porém, são deuses locais, [...] deuses com forma de animais...” (FREUD, 1997, p. 19).

2.3. A FUNÇÃO LITERÁRIA ²²

O texto em análise apresenta pelo menos três personagens, os quais são: um deus (Javé), um legislador (Moisés) e um povo (o Israel liberto da escravidão do Egito). Javé é quem fala ou decreta os termos de uma "aliança", Moisés recebe as instruções denominadas de "Decálogo", para apresentar ao povo, que cumprirá as determinações.

²¹ Freud se refere também a este “rei herético” como sendo da XVIII dinastia, 1375 a.C., chamado de Amenófis IV, que durante seus 17 anos de reinado tornou o Egito um país monoteísta, adorador do deus Sol (FREUD, op. cit. p. 22). BONOME destaca que esta é a primeira expressão monoteísta no Egito, aproximadamente em 1380 a.C. (Ibidem, p. 118s).

²² A função literária diz respeito à finalidade e propósito de uma obra, tanto no seu todo como no bloco menor. “a passagem é parte de uma história, ou de um complexo literário, que tem começo, meio e fim? [...] o que ela acrescenta ao quadro total?” são questões da funcionalidade do texto (STUART & FEE, 2008, p. 37).

Moisés está escrevendo as leis descritas por Deus, onde destaca a fala central: "Então, falou Deus todas estas palavras" (v. 1), com um sentido teocrático em forma de mandamentos. Ou seja, Javé tinha como propósito ensinar o povo os seus estatutos e princípios morais e espirituais, antes que chegassem à terra prometida. Uma forma didática de lembrar o povo "o Pacto da Aliança", feita ao saírem do Egito. Uma forma de documentar esta "Aliança" e ao mesmo tempo, autenticar a origem estatutária da nação.

Por meio de um diálogo, o povo foi informado em forma de discurso literário, quanto os "Códigos da Aliança". O povo esperava o pronunciamento de Moisés que transmitiria da parte de Deus essas "leis". Deus seria honrado e o povo santificado, deixando de lado as práticas pagãs de idolatria entre outros pecados, assim Javé teria razão quando punisse as transgressões do povo, visto ter sido estabelecido um padrão moral.²³

A entrega da Lei constituía um fator didático na caminhada ao cumprimento da promessa. Esse registro didático feito no Sinai constitui-se de "Dez Palavras" ou "decálogo", conhecido atualmente como os "dez mandamentos". Constituía um padrão de leis morais e jurídicas, conhecidas como "Lei de Moisés". Um registro que, além de jurídico, tinha princípios espirituais, estabelecido como um *plano de aliança* entre o Deus e o seu povo.

Para se compreender esta parada no Sinai, é necessário, um retorno ao evento Êxodo. Evento este fundamental na história do povo hebreu. O Êxodo começa com o povo de Israel na condição de escravos indefesos na terra do Egito, apresenta Javé preparando um libertador de maneira discreta, e o seu confronto com Faraó. Segue-se então o violento choque entre o Deus de Israel e os falsos deuses do Egito, quando as pragas se sucedem contra um Faraó obstinado e o Egito que ele domina.

O capítulo 12 destaca a festa da Páscoa, com a morte dos primogênitos do Egito, a travessia do Mar Vermelho e o afogamento do exercito de Faraó em suas ondas. O cântico triunfal de Moisés no capítulo 15, celebrando os atos redentores de Deus, é um clímax apropriado para os acontecimentos passados, bem como a transição para os que se seguem. Todavia, isso é apenas a metade da história. Como prova de que havia sido redimido, Israel tinha de adorar a Javé no mesmo Monte Sinai em que Moisés, o libertador,

²³ Bright (1978, op. cit. p. 161) defende que a origem da religião de Moisés ou do Javismo se deu no durante a peregrinação no deserto, em outras palavras, Israel desde suas origens adorava Javé. "Em alguns dos poemas mais antigos que temos, Iahweh é mencionado como 'o do Sinai' (Jz 5,4ss; Sl 68,8; Cf. Dt 33,2)".

recebe sua chamada inicial (Ex 3.12). Assim sendo, Israel marcha pelo deserto, dando seqüência a seu êxodo, a sua separação da velha vida.

O povo precisará de água, alimento, proteção e orientação. Tudo isso será dará, mas desde o principio Israel demonstra claramente sua natureza através de murmurações e rebeliões incessantes. Finalmente, reunindo na planície fronteira ao Sinai, em meio a trovões e relâmpagos, o povo ouve a voz de Deus e treme de medo. Neste momento a aliança é firmada (Ex 24.8); é então que Israel nasce como nação. Não apenas na consumação da aliança, mas na doação “lei da aliança” que acompanha resumida nos Dez Mandamentos (Ex 20), ampliada no “livro da aliança” (Ex 21-23). A própria natureza de Javé é expressa em termos morais e as exigências decorrentes são apresentadas a Israel. Escapar dos velhos hábitos será ainda mais difícil que escapar da velha terra, mas pelo menos o caminho está bem delineado.

Foi no Sinai que Deus se revelou mais uma vez, é onde se fundamenta a promessa do pacto da aliança com Javé, não são somente fatos abstratos, a história está consolidada com seus documentos, o que constitui a fundação de uma nação: Israel. Porém, como religião, o povo seguia seus costumes distante do padrão moral estabelecido nas Leis, o que de certa forma confrontou o povo. A Lei veio como regra moral, com o propósito de combater os costumes e perversões obtidas no convívio egípcio, o que envolvia a sexualidade, a idolatria, o culto com sacrifício de crianças, etc.. Era um povo em processo de libertação, onde a primeira etapa se deu no Egito, a segunda se daria no deserto e a terceira na terra prometida.

Moisés lidera um povo fugitivo, uma multidão de ex-escravos, tornando-se a cada dia um povo nômade, junto com *apirus*, egípcios, medianitas, amalequitas do Negeb (BRIGHT, 1978, p, 171). Porém, há uma gratificação na caminhada, a promessa da aliança, isto é, a terra de prosperidade, isto se o povo cumprisse a sua parte, o de serem obedientes. Por isto, o Decálogo é visto como uma forma de consolidação de um regime teocrático e sacerdotal, esta é a funcionalidade do texto de Ex 20.

Moisés tem como finalidade estabelecer o Javismo, formar uma comunidade teocrática, aproveitando os temas: a ansiedade de libertação e desejo por terra fértil, e a emergência do monoteísmo. Seu recurso é criar um código de aliança, propondo privilégios e responsabilidades.

3. ANÁLISE TEOLÓGICA²⁴

O modo de procedimento apontado por Wegner (1998, p. 298) segue três itens: o *estudo de correlação* para “determinar ou descobrir inicialmente outros textos que tratam da mesma temática”; o *conteúdo teológico* onde se busca “enquadrar o conteúdo do texto em temas ou doutrinas teológicas fundamentais”; e *as conseqüências práticas* que trabalha com a fé e a vida cristã.

3.1. ESTUDO DE CORRELAÇÃO²⁵

Observa-se que o relato do Decálogo foi conservado em dois lugares no Pentateuco (Ex 20.1-17 e Dt 5.6-21). O texto de Dt 5.6-21, com o contexto imediato, pertence as últimas redações do Deuteronômio e suas formulações passaram para Ex 20.1-17, uma destas formulações é a questão do sábado como uma redação sacerdotal.

O segundo passo no estudo de correlação é estudar a semelhança dos textos paralelos. Como já se comentou, há uma segunda referencia ao Decálogo, que se encontra em Dt 5.6-21. Nesta referencia se observa um “anuncio geral da lei deuteronômica e não somente da ‘Palavra’ (v. 5) do Decálogo.

Faz parte do segundo discurso de Moisés (Dt 5.1-11.32), como uma introdução ao grande Código Deuteronômico (12.1-26.15).

O texto de Êxodo 20.1-6 é entendido hoje, como parte dos "Dez Mandamentos", "Decálogo". A "Lei" se subentende como preceito que emana do poder legislativo ou de autoridade legítima, uma norma e uma obrigação imposta (FERNANDES, 1995, p. 378.).

"Lei" como "obrigação imposta" como significado do termo hebraico "Torá" tem sentido só no contexto do evento. "Torá" é usado no A. T. mais de 220 vezes, tendo a idéia de "instrução divina", tendo como raiz *YRH*, "está relacionada com o verbo *yara*, que significa “lançar, atirar (dardos)”, porém, em Êxodo 20 vem ter o sentido de "mandamentos" realmente, demonstrando a vontade de Deus.

²⁴ Para Virkler (1999, p. 89) a análise teológica trabalha sob duas questões: Como esta passagem se enquadra no padrão total da revelação de Deus? E o que é o padrão da revelação de Deus?

²⁵ O primeiro passo no estudo de correlação é analisar os *comentários e notas de roda-pé* de Bíblias. Escolheram-se para isto as notas da Bíblia de Jerusalém (2002, p. 130).

Outra observação é de que “o Decálogo cobre todo o campo da vida religiosa e moral”. Observa-se também que “o Decálogo é o coração da Lei mosaica e conserva seu valor na nova Lei: Cristo relembra seus mandamentos aos quais se acrescentam, como o zelo da perfeição, os conselhos evangélicos (Mc 10,721)”.

Finalmente, sobre a exclusividade na adoração de Javé, é vista como uma condição da Aliança estabelecida ali no Sinai. Esta exclusividade de culto não é uma negação da existência de outros deuses, isto vem mais tarde. Nisto há a proibição de fazer imagens cultuais.

3.2. CONTEÚDO TEOLÓGICO

O autor faz uma enumeração breve dos deveres fundamentais para com Deus e para com o próximo, deveres que Israel deveria obedecer. Como diz Von Rad, “o Decálogo era a proclamação de um direito senhorial divino sobre todos os setores da vida humana” (1973, vol. I, p. 195).

Nos primeiros versículos Javé se coloca em prioridade, estabelecido exclusividade para sua adoração. É um povo que está se tornando nação a partir daquele momento, onde a "Aliança" pode trazer tanto uma vida de bênção como de maldição. Neste sentido as bênçãos da "Aliança" eram condicionais, dependiam de obediência às leis.

Uma palavra que merece destaque é פֶּסֶל "imagem", onde no v. 4, começa com advérbio de negação "não" com o sentido de proibição de fabricação de objeto de culto de qualquer matéria prima da época. Hoje principalmente no contexto brasileiro, a palavra "imagem" é um termo bem comum, podendo significar representação de objetos, pessoas, coisas, símbolos, ou deuses. Nossa legislação e Constituição Brasileira não proíbem essa prática como se vê em Êxodo 20.

Deus é o controlador invisível de toda a história e de todas as circunstâncias. Nada está além de seu poder e controle, nem mesmo a obstinação de Faraó. E foi essa mesma convicção que levou os israelitas a considerarem o Êxodo como o maior acontecimento da história e como o ato redentor de Deus em relação ao povo israelita.

Esta exclusividade de culto tem relação com o nome Deus é יְהוָה (Javé). Êxodo 3.13-15 deixa claro que a revelação de Deus sob este nome é fundamental para a

teologia da era mosaica. A questão fundamental para teologia do Êxodo é que Deus tem um nome e isso plenamente pessoal. Para o hebreu “nome” significa “caráter”, assim conhecer a Deus é conhecê-lo tal como ele é, e invocar seu nome, é apelar a Ele com base em sua natureza revelada e conhecida. Se Deus agora possui um novo nome, significa para o israelita que uma nova revelação aconteceu. A partir do Êxodo o nome Iahweh, significa no A. T., o que o nome Jesus significa no N. T. Assim como o nome Jesus faz lembrar a cruz. O nome Iahweh faz lembrar o Êxodo.

Esta exclusividade revela a Santidade de Deus. Dentro do próprio livro de Êxodo, pode-se dizer que todo o livro da Aliança (21-23) é uma tentativa de definição do que significa ser “povo de Deus”, uma “nação santa”. Portanto santidade, no sentido mais profundo do termo, é uma definição da natureza de Deus tal como Ele espera ver refletido em seus filhos. É com esse conceito que vai ser retratado no tabernáculo o termo “santo dos santos”.

Deus por seu turno ordenara a Israel que se lembre do que ele fez pela nação através da Aliança. Da mesma forma que Israel receberia certeza de que seu gracioso propósito para com a nação iria continuar, e essa lembrança arderá no coração, forçando o povo a cumprir seus mandamentos.

Essa "aliança" justificada na outorga da "lei" era muito forte para o povo, forte por imposição divina, devendo ser lida, e na realidade, praticada e passada ao povo, a fim de meditar e estabelecer um novo sistema religioso, social e econômico, uma nova prática de costumes.

O que foi instituído por Javé através de Moisés sob três promessas: criar um povo, ter um Deus e possuir uma terra. Essas promessas não eram novas, estavam apenas sendo repetidas e restabelecidas por ocasião da libertação do Egito e as vésperas da posse da terra. Porém, a aliança do Sinai, é fundada na libertação do povo. Esta Aliança traz consigo os mandamentos, os juízos e as ordenanças dadas aos sacerdotes diante do povo.

Esta "Aliança" impunha a Israel uma obrigação de cumprimento fiel da vontade de Javé, expressa de modo especial nos mandamentos e prescrições da lei de Moisés. Se o povo não cumprisse com obediência teriam a consequência de morte, entre outras penas subscritas nos termos daquela Aliança.

O povo com a Aliança feita tinha de reconhecer somente Javé como seu Senhor, que o protegia e que o salvaria no futuro, a semelhança do passado. Isto exigia do povo uma condição necessária, ter uma vida de consagração total e exclusiva.

Segundo o texto, no versículo 4 e 5 apresenta a idéia de um Deus marido de Israel, um Deus ciumento (HARRIS, 1998, p. 1349), também se refere à idolatria, sendo uma comparação de idolatria com adultério. Este ciúme, ardor, zelo, refere-se a um cuidado amoroso de Javé. Por isso, exige-se uma adoração exclusiva. Deus não divide sua glória com outros, principalmente com "deuses" feitos de matéria.

O povo vivia cativo no Egito, onde economicamente tinham todas as necessidades possíveis. Na questão social estavam misturados com a cultura dos egípcios, onde começavam uma nova geração de raças. Politicamente, estavam subordinados às autoridades egípcias, que não estava com um bom governo, porém, com uma liderança tipo ditadura. Quanto à religião, estava voltado aos costumes pagãos.

Deus chama Moisés com a missão de conduzir o povo, para uma terra de prosperidade, "que mana leite e mel", uma cidade de paz, onde seu Deus estará sempre sustentando seu povo, na área econômica, política, social "através das leis", e principalmente, da religião.

Nos versículos 3,4 e 5 temos o relato da aliança religiosa e social com o povo. Onde a nação teria a terra mediante sua obediência e adoração exclusiva para com Deus.

3.3. CONTEXTUALIZAÇÃO OU CONSEQÜÊNCIAS PRÁTICAS

Quanto ao passo de Atualização ou Aplicação, viu-se que o texto remete-se ao processo hermenêutico, onde se permite extrair do texto mensagens significantes que podem ser aplicadas nos dias atuais. O que se faz crer no seu valor, mesmo que ela tenha sido escrita em tempo, lugar e cultura bem distantes. Ao realizar-se a atualização do texto bíblico se descobrem que sua mensagem não se esgotou em sua primeira realização.

As conseqüências práticas desta exegese se vê em três pontos; 1) a exclusividade de um Deus em meio a diversidade religiosa; 2) um monoteísmo adaptado a realidade cristã; e 3) a importância das leis no contexto religioso.

A necessidade humana de evolução do politeísmo para um monoteísmo ainda é relevante. O que pode ser também uma evolução teológica, quando se crê que,

há apenas um só Deus, ele é o único Deus, onipotente, inaproximável; seu aspecto é mais do que os olhos humanos podem tolerar, nenhuma imagem dele deve ser feita, mesmo seu nome não pode ser pronunciado. Na religião egípcia, há uma quantidade quase inumerável de divindades de dignidade e origem variáveis: algumas personificações de grandes forças naturais como Céu e a Terra, o Sol, e a Lua [...] A maioria delas, porém, são deuses locais, [...] deuses com forma de animais (FREUD, 1997, p. 19).

Esta diferenciação é vista na religião hebraica como sendo “fundada pelo verdadeiro Deus com proibição expressa das adivinhações, baseadas nas quais surgiram todas as nações gentílicas. Esta proposição constitui uma das principais razões de se dividir o mundo antigo das nações entre hebreus e Gentios”(VICO, 2005, p. 55).²⁶

Freud continua sua diferenciação dizendo que “uma delas condena a magia e a feitiçaria nos termos mais severos, enquanto na outra elas proliferam abundante”. E ainda, o Egito tem um insaciável apetite por corporificar seus deuses em argila, pedra e metal, contrário do que se diz de Moisés, ou seja, da proibição de fazer imagem de qualquer criatura viva ou imaginária (Ibidem, p. 20).

Há uma diversidade religiosa em todo lugar, na Amazônia, por exemplo, há religiões cristãs, afro-descendentes, espíritas, indígenas, etc.

A religião Javista nasce sem qualquer influencia do chamado “monoteísmo de Amarna”, antes é uma oposição ao sistema de dominação egípcia. A exigência de exclusividade de culto é marca fundamental do monoteísmo judaico. O monoteísmo está ligado ao primeiro preceito do Decálogo.

O povo com a aliança feita com Deus tinha de reconhecer somente Deus como seu Senhor, como Senhor que o protegia e que o salvaria no futuro, a semelhança do passado, o que exigia do povo uma condição necessária, ter uma vida de consagração total e exclusiva a Deus.

Hoje se pode perguntar: o Cristianismo atual prega o mesmo monoteísmo? Houve uma perpetuação da fé javista como fez Moisés, pois deu dignidade ao povo de Israel, que se julgaram superior aos outros povos. Depois se afastou dos outros povos. Isto

²⁶ Sobre a atualização da proibição de se fazer e adorar ídolos há uma vasta bibliografia, cf. COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *A Atualidade dos Dez mandamentos*. 1997, p. 23-24).

porque permitiu ao povo participar da grandiosidade de uma nova idéia de Deus, afirmou que este povo fora escolhido por este grande Deus e destinado a receber provas de seu favor especial, e impôs ao povo um avanço em intelectualidade (FREUD, op. cit. 107).

Este monoteísmo chegou à atualidade na forma cristã, porém, não em sua forma original. Para Paul Tillich (1987, p. 191ss), um dos tipos de monoteísmo é o trinitário. Entretanto, não apenas no trinitário, mas em todos os tipos, o Cristianismo consolida sua fé em um Deus-Único e Pessoal. No sentido monárquico, Deus domina os deuses inferiores²⁷ e todos os seres de natureza divina. No místico, Deus supera todas as coisas por sua transcendência. Deus tem exclusividade, pois é o mesmo Deus de Israel, com uma revelação final, um Deus concreto e absoluto, Deus-Pessoal, que trabalha com o princípio da Justiça. E a forma Trinitária revela um Deus que se manifesta de três maneiras, que se relaciona com o ser humano.

Como trinitária “é uma caracterização qualitativa e não quantitativa de Deus. É uma tentativa de falar do Deus vivo: o Deus em quem estão unidos o último e o concreto” (Ibidem, p. 193).

A divindade, nas religiões monoteístas, é onipotente, onisciente e onipresente, não deixando de lado nenhum dos aspectos da vida terrena, mas lembrando que a espiritualidade é bem mais importante em um só Deus, que para além de ser considerado todo-poderoso é também um ícone moral para os adeptos de religiões monoteístas - exigindo dos fiéis observância de normas de conduta consideradas puras.²⁸ Desta forma, “o teísmo declara a existência de uma divindade pessoal que é a fonte, permanência e alvo de tudo” (KEELEY, 2000, p. 84).

Consciente ou inconscientemente, monoteísmo é inseparável de idéias como eternidade, pessoalidade, onipotência, transcendência, onisciência, onipresença.

Os cristãos confessam (para citar o *Credo de Nicéia*), “um Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, e de todas as coisas visíveis e invisíveis”. [...] O teísmo cristão é fundamentado na Bíblia, e a Bíblia se opõe fortemente ao politeísmo. O caminho politeísta é tratar todos os agentes pessoais supostamente imortais, mais do que humanos, como deuses a ser adorados, e pensar nos monarcas e outras pessoas importantes como pessoas que estão subindo na escada da existência para atingir a divindade na morte, se não até antes dela (Ibidem, p. 84).

²⁷ Loron Wade (2006, p.15,21-23) utiliza dois termos para se referir a proibição da idolatria, são “deuses fracassados” e “pequenos deuses”.

²⁸ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Monote%C3%ADsmo>

No politeísmo a palavra “deus” é fortemente desvalorizada pela proporção com que é citada, isto por não existir unicidade, ultimacidade, pessoalidade e concreticidade. No Deus cristão estas características são possíveis. E no monoteísmo, especialmente cristão, “Deus” é sinônimo de exclusividade. Tem sentido único.

Para se consolidar a idéia da necessidade do monoteísmo para a humanidade, não apenas ao povo judeu e posteriormente aos cristãos, se optou por esta exegese bíblica no texto de origem legal do estabelecimento da exclusividade na adoração a Iahweh. Para se afirmar que o Deus de Israel é o mesmo Deus da Igreja Cristã.

Diante da diversidade religiosa da Amazônia, em um Brasil sincretista, a cada dia pessoas evoluem da superstição à Verdade, saindo da superficialidade da Realidade à Essência da fé.

Quanto a importância da “Lei” como código divino, uma lei apodítica que não aceita argumentação, é necessária em cada contexto religioso. A lei como parâmetro religioso se torna obrigatório para a consolidação de um grupo, é fundamental para que se tenha um credo ou fundamento doutrinário, também serve para se organizar o governo, a administração e a missão.

Se o grupo não tem leis religiosas, serão enfraquecidos os conceitos, onde tudo se é relativo, com governos fracos e sem propósitos claros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto de Êxodo 20, versos 1 a 6 é o início da fundamentação monoteísta da religião judaico-cristã. A lei serviu de instrumentalização para a organização do povo em sua peregrinação no deserto, base de sua tradição e continuação da fé javista. Era necessária uma aliança para manter a ordem do povo que viera do Egito. Era preciso um líder e uma Lei para se ter um Deus e um povo.

Wellhausen, citado por Von Rad, dizia que a lei não era anterior, mas posterior aos profetas, já segundo as tradições a Lei do antigo Testamento estava dividida em ritual, jurídica e moral. A lei é sempre reinterpretada a cada período da história da salvação, e ninguém pregou a lei com um tom tão vivo e ameaçadora como os profetas: “o ecletismo carismático que caracteriza a história das tradições. E, sobretudo as reinterpretações que marcaram os períodos de grande reviravolta na história da salvação, se manifestam sob uma forma extremamente ousada quando se trata da lei. Na sua interpretação expressamente carismática da lei, o Novo Testamento tem sua origem para além do judaísmo e se liga à prática dos profetas” (VON RAD, 1986, vol. 2, p. 407). E assim, a Lei chegou a atualidade, onde continua sendo reinterpretada e reaplicada.

O Decálogo foi didático na caminhada ao cumprimento da promessa. No Sinal os “Dez Mandamentos” constituíram-se um padrão de leis morais e jurídicas, e a consolidação da liderança de Moisés. Não somente um registro jurídico, em forma de princípios espirituais, estabelecem um *plano de aliança* entre o Javé e o seu povo.

Desta forma, o Decálogo deixa de ser uma Lei ultrapassada para se tornar um padrão moral em todos os tempos. É uma chamada divina a adoração exclusiva do Deus-Criador.

Desde então o Decálogo é um texto que fundamenta o monoteísmo cristão, e não apenas judaico. Continua sendo lido e obedecido. É um padrão perpétuo de liturgia e serviço religioso. É um código de aliança entre o homem e o divino. Uma chamada à adoração exclusiva de um único e suficiente Deus. Pois, “na idolatria, o culto deixa de ser do coração e passa a ser dos sentidos” (COELHO FILHO, 2007, p. 29).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA CITADA

Bíblias

A BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Paulinas/Loyola, 1996.

BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA. Versão Almeida Revista e Atualizada. São Paulo:SBB, 2006.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Revista e Ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Com Aparato Crítico, 1990.

BÍBLIA HEBRAICA WORD (CD). Versão digitalizada da Stuttgartensia, sem aparato crítico.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Tradução Na Linguagem de Hoje, SBB, 2007

BÍBLIA SAGRADA. Versão Almeida Revista e Corrigida. São Paulo:SBB, 1995.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. Pe. Antonio de Figueredo. Tradução Portuguesa da Vulgata. São Paulo: Redeel, 1997.

SEPTUAGINTA. 6ª ed. vol. I, Tradução Vorwrt der Bibelanstalt.

Livros

ALCB, *Vademecum para o Estudo da Bíblia*. Trad. José Afonso Beraldin. São Paulo: Paulinas, 2000.

BENTZEN, A. *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. H. A. Simon. São Paulo: ASTE, 1968. vol. I.

BERKHOF, Luis. *Principios de Interpretación Bíblica*. USA: TELL, s/d.

BONOME, José Roberto. *Religião: construção e interpretação de mundos*. Anápolis-GO: Associação Educativa Evangélica, 2000.

BRIGHT, J. *História de Israel*. 5 ed. Trad. E. C. da Silva. São Paulo: Paulus, 1978.

- CARREIRA, José Nunes. *Mito, Mundo e Monoteísmo: intuições mestras de altas culturas antigas*. Portugal: Europa-América, 1994.
- COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *A Atualidade dos Dez Mandamentos*. São Paulo: Êxodus, 1997.
- COIMBRA FILHO, João. *Gênesis 11.1-9: Uma Exegese Sobre a Torre de Babel*. Dissertação de Mestrado em Teologia. Belém: FATEBE, 2009 (em processo de conclusão).
- COLE, R. Alan. *Êxodo: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1990.
- DAVIDSON, Benjamin. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*. Zondervan Publishing House. s/d.
- DONNER, Herbert. *História de Israel e dos Povos Vizinhos: dos primórdios até a formação do Estado*. Trad. C. Molz; H. Trein. São Leopoldo/RS: Sinodal, v. 1, 1997.
- EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento : Introdução aos métodos lingüístico e histórico-crítico*. São Paulo : Loyola, 1994.
- FERNANDES, F; Luft, C. P.; Guimarães, E. M. *Dicionário Brasileiro Globo*. 43 ed. São Paulo: Globo, 1996.
- FRANCISCO, Clyde T. *Introdução ao Velho Testamento*. 4 ed. Trad. Antonio N. de Mesquita. Rio de Janeiro: JUERP, 1990.
- FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica: introdução ao texto massorético*. São Paulo: Vida Nova, 2003.
- FREUD, Sigmund (1856-1939). *Moisés e o Monoteísmo*. Trad. Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.
- GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1988.
- GNUSE, Robert. *Não Roubarás: comunidade e propriedade na tradição bíblica*. Trad. Attilio Cancian. São Paulo: Loyola, 1986.
- HARRINGTON, Wilfrid John. *Chave Para a Bíblia: a revelação: a promessa: a realização*. Trad. Josué Xavier e Alexandre Macintyre. São Paulo: Paulus, 1985.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr, G.; WALTKE, B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, Trad. M. L. Redondo; L. A. T. Sayão; C. O. C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- KEELEY, Robin (org.), *Fundamentos da Teologia Cristã*. Trad. Yolanda Krievin. São Paulo: Vida, 2000.

- KELLER, Werner. *E a Bíblia Tinha Razão: pesquisas arqueológicas demonstram a verdade histórica dos livros sagrados*. Trad. João Távola. 9ª ed. São Paulo: 1973.
- KIRST, Nelson; (e col.)... *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Fundamentos Para Exegese do Antigo Testamento: manual de sintaxe hebraica*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- PIXLEY, Jorge. *A História de Israel a Partir dos Pobres*. Trad. Ramiro Mincato. 8ª ed. Petrópolis/RJ: vozes, 2002.
- SCHNELLE, Udo. *Introdução á Exegese do Novo Testamento*. Edições Loyola, S.Paulo, Brasil, 2004.
- SELLIN, E.; FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento: livros históricos e códigos legais*. Trad. D. Mateus Rocha. São Paulo: Paulinas, 1977, vol. 1.
- SIMIAN-Yofre, H. (org.). *Metodología do Antigo Testamento*. Trad. J. R. Costa. São Paulo: Loyola, 2000.
- STUART, Douglas; FEE, Gordon D. *Manual de Exegese Bíblica*. Trad. Estevan Kirschner e Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- TILLICH, Paul (1886-1965). *Teologia Sistemática*. Trad. Getúlio Bertelli. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- VICO, Giambattista. *Princípios de Uma Ciência Nova: acerca da natureza comum das nações*. Trad. A. L. de Almeida Prado. São Paulo: Nova Cultural, 2005.
- VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica Avançada: princípios e processos de interpretação bíblica*. Trad. Luiz A. Caruso. São Paulo: Vida, 1999.
- VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento: teologia das tradições históricas de Israel*. Trad. F. Catão. São Paulo: ASTE, 1986, v. 1 e 2.
- WADE, Loron. *Os Dez Mandamentos: princípios divinos para melhorar seus relacionamentos*. Trad. E. S. do prado. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulus, 1998.

Sites:

Acessado no dia 08/06/2009, disponível no site:

<http://pt.wikipedia.org>

Acessado no dia 16/09/2009, disponível no site:

http://translate.google.com/translate_t?hl=pt-br#pt|en|Palavras%20Chaves%3A%20Dec%C3%A1logo%20Exegese%20Adora%C3%A7%C3%A3o.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARCHER, JR. Gleason L. *Merece Confiança o Antigo Testamento*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2005.

GERSTENBERGER, Erhard S. *Deus no Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1981.

GOTTWALD, Norman K. *As Tribos de Iahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 a.C.* Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1986.

LÓPEZ, Félix Garcia (org.). *O Pentateuco*. Trad. José Afonso B. Da Silva. São Paulo: Paulinas, 1998.

APENDICE Nº 01: ANÁLISE GRAMATICAL ²⁹

| Análise do versículo 1 | | | | |
|---|-------------|------|--|--|
| 1 וַיְדַבֵּר אֱלֹהִים אֶת כָּל־הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה לְאָמֹר : ס | | | | |
| Nº | Palavra | Raiz | Análise gramatical | Tradução literal |
| | וַיְדַבֵּר | | Piel = Fut., 3ª pessoa sing., masculino; | (PI) falar, dizer, mandar, ameaçar, prometer. |
| | אֱלֹהִים | | Substantivo, Masculino, plural, suf. 3ª pessoa, singular, feminino; | 1) sing: Deus; (o verdadeiro) Deus; 2) Plural: deuses; c. significado sing.: Deus, divindade, deus/a. |
| | אֶת | | Sinal do acusativo, nominativo com verbos, passivos e neutros, masculino, pronome demonstrativo; | É empregado à frente do sujeito gramatical para destacá-lo. |
| | כָּל | | Kal= pret. 3ª pessoa, singular, masculino; | (Kal): totalidade; tudo, cada um, todo, qualquer, totalmente. |
| | הַדְּבָרִים | | Substantivo masculino, plural/pref. ____ (artigo definido e/a); | Palavra, assunto, questão, caso, coisa. |
| | הָאֵלֶּה | | Pronome demonstrativo, plural comum, suf. com artigo ____ Pref. ____ (artigo definido o/a); | Estes/as, esses/as, aqueles/as. |
| | לְאָמֹר | | Kal= inf. Constr. / pref. _____, contru. (preposição c/ substantivos); | (Kal): (verbalmente=para dizer) introduz o discurso direto: "dizendo", "o seguinte", "com as seguintes palavras", mencionar, indicar, louvar, denominar, asseverar, prometer, pensar. (NI): ser dito, diz-se, ser chamado, ser denominado. (HI): fazer declarar. |

²⁹ Nesta análise gramatical se observa a lacuna quanto a raiz das palavras e análise completa do verso 6, isto devido a urgência na elaboração do trabalho monográfico.

| Análise do versículo 2 | | | | |
|--|-------------|------|---|---|
| 2 אָנֹכִי יְהוָה אֱלֹהֶיךָ אֲשֶׁר הוֹצֵאתִיךָ מֵאֶרֶץ מִצְרַיִם מִבֵּית עַבְדִּים: | | | | |
| Nº | Palavra | Raiz | Análise gramatical | Tradução literal |
| | אָנֹכִי | | Pronome pessoal. 1ª pessoa do singular; | Eu |
| | יְהוָה | | Substantivo próprio; | nome de Deus |
| | אֱלֹהֶיךָ | | Substantivo masc. plur., sufixo, 2ª pessoa do singular, masculino; | singular:deus; (o verdadeiro Deus). 2) Plural: deuses, com significado singular:Deus, divindade, deus/a. |
| | אֲשֶׁר | | Pronome relativo, gênero e número, pronome pessoal; | /a qual, os/as quais, que. |
| | הוֹצֵאתִיךָ | | Hoph= pret. 3ª pessoa singular feminino, suff. 2ª pessoa sing. masc. | (HO): ser levado para fora, ser excluído. (HI): fazer sair, levar para fora, produzir. (QAL): sair,apresentar-se, avançar, expor, proceder. |
| | מֵאֶרֶץ | | Nome fem. sing. dec. 6 a (35.rem.2); ___bef. lab. pref. ___ / Hiph. part. ; | Terra, chão, solo, terreno, pedaço de terra, gleba, território, país, a terra; |
| | מִצְרַיִם | | Nome próprio de lugar/ pref. _____ (subst. indefinido); | Nome de povo, nome de território. |
| | מִבֵּית | | Hiph. part. sing. masc. / pref. _____ (subst. indefinido); | (HIPH): casa, habitação, lugar de estadia, residência, moradia, lar, palácio, templo, família, recipiente, partes de uma casa, interior, propriedade. |
| | עַבְדִּים | | Substantivo masc. plural, suff. 2ª pessoa, absoluto St.; _____ bef.; | Escravo, servo, empregado, criado. |
| Análise do versículo 3 | | | | |
| 3 לֹא יְהִי־לְךָ 1 אֱלֹהִים אַחֲרַיִם עַל־פָּנָי: | | | | |
| N | Palavra | Raiz | Análise gramatical | Tradução literal |

| | | | | |
|---|----------|--|---|---|
| ° | | | | |
| | לא | | Advérbio de negação; | Não, sem, nenhum, nada. |
| | יְהִיָּה | | Kal fut. 3ª pessoa sing. masc. | (KAL): tornar-se, acontecer, ocorrer, ser, haver, ter. (NI): acontecer, ocorrer. |
| | לֵךְ | | Kal imp. sing. masc. | (KAL):um ser, estar ou acontecer em direção a, oposto a, para, em direção a, junto a, até, em torno de, por volta de, quando de, ao, depois de. |
| | אֱלֹהִים | | Pronome masc., plural, estado absoluto; | singular: deus,(overdadeiro) Deus. 2) plural: deuses, com dignificado singular: Deus, divindade, deus/a. |
| | אַחֵרִים | | Adjetivo, masc. plural; | Outro, ulterior, seguinte, segundo. |
| | עַל | | Chald. Peal pret. 3ª pess. sing. masc.; | Sobre, acima de, em cima de, diante de, por causa de, por, em vistas a, concernente a. |
| | פָּנָי | | Substantivo masc. plural, suff. 3ª pess. sing.; | Face, semblante, rosto; feição, parte visível, superfície; frente, fronte; antigamente, no passado; pessoa. |

Análise do versículo 4

4 לא תַעֲשֶׂה לְךָ פֶסֶל

[9 וְכֹל־תְּמוּנָה אֲשֶׁר בַּשָּׁמַיִם מִמַּעַל וְאֲשֶׁר בְּאָרֶץ מִתַּחַת] 2 וְאֲשֶׁר בַּמַּיִם

מִתַּחַת לְאָרֶץ]: 2

| N° | Palavra | Raiz | Análise gramatical | Tradução literal |
|----|----------|------|-------------------------|--|
| | לא | | Advérbio de negação; | Não; sem, nenhum; nada. |
| | תַעֲשֶׂה | | Kal fut. 2ª pess. sing. | (KAL): fazer, manufaturar, trabalhar; pôr, colocar, transformar, frabricar, aprontar, elaborar, preparar, realizar, executar, agir, intervir. (NI): ser feito, preparado, concluído. |

| | | | |
|--|--------------|---|--|
| | | | (PI): comprimir, pressionar, apalpar. (PU): fui feito, criado. |
| | לָךְ | Kal imp. sing. masc. | KAL):um ser, estar ou acontecer em direção a, oposto a, para; em direção a, junto a, até, em torno de, por volta de, quando de, ao, depois de. |
| | פֶסֶל | Masc. dec. 6ª (suff. _____) carved., image or idol; also for a molten image; _____ bel. lab.; | Idolo, imagem de divindade, imagem de escultura. |
| | וְכֹל | Kal pret. 3ª pess. sing. masc. | (KAL): totalidade; tudo, cada um, todo, qualquer, totalmente. |
| | תְמוּנָה | Subst. Fem. Singular; | Imagem, representação. |
| | אֲשֶׁר | Pronome relativo; ambos os gênero e número; | O/a qual, os/as quais, que. |
| | בַּשָּׁמַיִם | Pref. _____, subs. masc. plural, suff. 3ª pess. plural. (preposição c/ substantivos); | Céu; firmamento, atmosfera. |
| | מִמַּעַל | Pre. subst. masc. sing. (subst. prop.) as an adv. (_____) | Fazer subir, conduzir/levar ao alto, elevar, erguer; ofertar, sacrificar; reminar. |
| | וְאֲשֶׁר | Pron. relativo, de ambos os gêneros e número; | O/a qual, os/as quais, que. |
| | בְּאֶרֶץ | Pref. _____, subst. fem. sing.; | Terra, chão, solo; terreno, pedaço de terra, globo; ; território, país; a terra. |
| | מִתַּחַת | Pref. Tiphah part. sing. masc. adv.; | 1)substantivo: o que está debaixo, a parte inferior. 2) Prep. debaixo de, sob; em lugar de, ao invés de, por. |
| | וְאֲשֶׁר | Pronome relativo, de ambos os gêneros e número; | /a qual, os/as quais, que. |
| | בַּמַּיִם | Pref. _____ subst. masc. plural. (Preposição com subst.); | água. 2) outros líquidos. |

Análise do versículo 5

5 לֹא־תִשְׁתַּחֲוֶהָ] 1 לָהֶם וְלֹא תִעֲבָדֶם כִּי אֲנֹכִי יְהוָה
אֱלֹהֶיךָ אֵל קָנָא פִקְדָּר עֵזֶן אָבֶת עַל־בָּנָיִם עַל־שְׂלִשִׁים וְעַל־רִבְעִים
לְשָׁנָאִי:

| N ^o | Palavra | Raiz | Análise gramatical | Tradução literal |
|----------------|-----------------|------|---|--|
| | לֹא | | Tiph'al part. sing. masc. subst. fem. construto. adv.; | (TIPHAL): 1) substantivo: o que está debaixo, a parte inferior. 2) Prep. debaixo de, sob; em lugar de, ao invés de, por. |
| | תִּשְׁתַּחֲוֶהָ | | Pref. _____, subst. fem. sing.; (prep. com subst.); | Terra, chão, solo; terreno, pedaço de terra, globo; território, país; a terra. |
| | לָהֶם | | Advérbio de negação; | Não, Sem; nenhum; sem nada. |
| | וְלֹא | | Hithpalel, fut. 2ª sing. masc. | (HITHPALEL): prostrar-se, adorar. (NI): ser bebido. |
| | תִּעֲבָדֶם | | Pref. prep. with suff. 3ª pess. plural, masc. (Prep. com subst.) | Um ser, estar ou acontecer em direção a, oposto a, para; em direção a, junto a, até, em torno de, por volta de, quando de, ao, depois de, no espaço de. |
| | כִּי | | Advérbio de negação | Não, Sem; nenhum; sem nada. |
| | אֲנֹכִי | | Hopf. fut. 2ª pess. sing. masc. suff. 3ª pess. plural, masc. | (HOPF): deixar-se induzir a um serviço/ culto. (QAL): trabalhar, preparar(o solo), trabalhar(como escravo), servir, adorar (a Deus), render culto. (NI): ser trabalhado, ser cultivado. (PU): ter trabalhado, ser escravizado. (HI): fazer trabalhar, obrigar ao trabalho, manter na escravidão, escravizar. |
| | יְהוָה | | Subst. masc. sing. | Sim, realmente, verdadeiramente, não, não!, exceto; porque, pois, que, quando, se, caso, apesar de. |
| | אֱלֹהֶיךָ | | Pronome pessoal, 1ª pess. | eu |

| | | | |
|--|---------|--|--|
| | | sing. | |
| | אל | Subst. Próprio | nome de Deus(Senhor). |
| | קנא | Subst. sufixo, 2ª pess. sing. masc. | Teu Deus. |
| | פֶּקֶד | Pronome demonstrativo, plural, masc. | Estes/as; esses/as. |
| | עֵוֹן | Subst. masc. sing. | Ciumento. |
| | אָבַת | Kal inf. abs. part. act. sing. masc. | (KAL): fazer, verificar/chamada, verificar, inspecionar, recrutar, passar em revista, examinar, pesquisar, visitar, procurar, preocupar-se com, castigar, vingar, guardar. (NI): faltar, permanecer ausente, ser convocado, estabelecido, ser responsabilizado, castigado. (PI): inspecionar, passar revista, convocar. (PU): ficar postado(?), ser trasido(?), estar roubado(?), ser estabelecido, contado, calculado. (HI): instituir, estabelecer, comissionar, colocar, confiar(algo a alguém), entregar, depositar, guardar, impor. (HO): ser encarregado, ter a seu cargo, ser depositado. (HIT): ser contado, passado em revista. (HOTPAEL): ser contado, passado em revista. |
| | עַל | Substantivo masc. sing. constr | Falta, transgressão, delito, crime, injustiça, pecado, culpa, castigo, punição. |
| | בָּנִים | Subst. masc. plural, fem. com término irregular; | Pai, antessado, ancestral; iniciador; ancião; merstre; profeta; conselheiro. |
| | עַל | Subst. masc. sing. | Sobre, acima de, em cima de; diante de; por causa de, por; em vistas a, concernente a. |

| | | | | |
|--|------------|--|---|--|
| | שְׁלֵשִׁים | | Subst. masc. Plural; | Construir, edificar; reconstruir; constituir família/prole. |
| | וְעַל | | Subst. masc. singular. | Sobre, acima de, em cima de; diante de; por causa de, por; em vistas a, concernente a. |
| | רִבְעִים | | Subst. Masc. plural | Descendentes da terceira geração; netos; bisnetos. |
| | לְשָׁנָאֵי | | Prep. plural, c. | Sobre, acima de, em cima de; diante de; por causa de, por; em vistas a, concernente a. |
| | | | Masc. only, plural() posterity in the fourth generation | Membro da quarta geração. |
| | | | Pref. _____ kal part. art. sing. masc. suff. 1 ^a pess. sing. (preposição com subst. ex. para a). | Brilhar, odiar. |

Análise do versículo 6

6 חָסַד לְאֵלִפִּים לְאַהֲבֵי וְלִשְׁמֹרֵי מִצּוֹתַי : ס

| N ^o | Palavra | Raiz | Análise gramatical | Tradução literal |
|----------------|--------------|------|--------------------|------------------|
| | וְעָשָׂה | | | |
| | לְאֵלִפִּים | | | |
| | לְאַהֲבֵי | | | |
| | וְלִשְׁמֹרֵי | | | |
| | מִצּוֹתַי | | | |

Referência Bibliográfica da Análise Gramatical

BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Elliger, k. & Rudolph, W, Editio quarta emendata, Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1967/77, 1990.

BÍBLIA HEBRAICA WORD (CD). Versão digitalizada da Stuttgartsensia, sem aparato crítico.

DAVIDSON, Benjamin. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*. Zondervan Publishing House. s/d.

FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica: introdução ao texto massorético*. São Paulo: Vida Nova, 2003.

HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr, G.; WALTKE, B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, Trad. M. L. Redondo; L. A. T. Sayão; C. O. C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

KIRST, Nelson; (e col.)... *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. 11^a ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Fundamentos Para Exegese do Antigo Testamento: manual de sintaxe hebraica*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

APENDICE 02: TABELA DO CONTEXTO LITERÁRIO

As diretrizes contidas nestas tabelas servem para analisar o contexto literário de uma obra.

| | CONTEÚDO DO TEXTO Esta parte é entre eu e o texto | DADOS DA OBRA Esta parte é através da bibliografia |
|----------|--|--|
| QUEM? | Quais os personagens do texto? Quem são elas? | Quem escreveu o texto e para quem escreveu? |
| O QUE? | O que fazem as personagens? O que dizem e qual a mensagem central? | Que mensagem o autor precisa transmitir? |
| ONDE? | Onde se passa a ação? De onde vem e para onde vão os personagens? | De onde escreveu o autor? E onde estão seus destinatários? |
| QUANDO? | Quando se passa a ação? Ou em que dia? | Quando foi escrito o livro? É de várias épocas? |
| COMO? | Como se desenvolve a ação? Como os fatos se sucedem? | Como o autor escreveu? Que gênero literário foi usado? Que tipo de figuras de linguagem foi usado? |
| POR QUE? | Por que os personagens agem assim? | O que o autor nos diz da motivação dos atores? Quais são suas atitudes diante de Deus? |